



Estilo de redação: as implicações políticas

Março de 2005



**International
Institute for
Environment and
Development**

Esta ferramenta foi elaborada por Leigh Price (e-mail: lprice@zol.co.zw) e Jasmim Sathiagnanan

Resumo

“Estilo de redação: implicações políticas” é uma ferramenta que tem por objetivo orientar a leitura sistemática e analítica. O uso desta ferramenta ajuda a descobrir os significados parcialmente ocultos em vários tipos de textos, tais como relatórios empresariais ou declarações governamentais de política.

O que é a ferramenta “Estilo de Redação: Implicações Políticas”?

Esta abordagem serve de ajuda para analisar como a redação desafia ou apóia às desigualdades. Fazemos essas análises intuitivamente e todo o tempo. Por exemplo, percebemos que o jornalista que escreve, ‘Ocorreram quatro mortes durante os conflitos com forças rebeldes’ tem uma ideologia diferente do jornalista que escreve sobre o mesmo incidente, ‘soldados americanos assassinaram quatro civis’. Esta ferramenta oferece algumas idéias para a análise sistemática de textos, em vez da intuitiva, a fim de descobrir os significados que estão parcialmente ocultos. Esta ferramenta, que foi projetada inicialmente para uso nas indústrias, pode ser usada mais amplamente e extrai exemplos de várias fontes.

Eis alguns comentários sobre a metodologia da ferramenta

Esta ferramenta é baseada na análise crítica de discurso¹ do Norman Fairclough (1989, 1992, 2000, 2001). Fairclough utiliza o realismo crítico como sua filosofia de orientação. O realismo crítico é uma abordagem metodológica de pesquisa que evita tanto o realista ingênuo como as posições anti-realistas. Simplifiquei consideravelmente a análise crítica de discursos do Fairclough para fins desta ferramenta.

Passos

Os passos da ferramenta são lineares, contudo a análise raramente é assim. Pode-se adentrar nos passos da ferramenta em qualquer ponto, e haverá a tendência de ir de um lado para outro entre eles na medida que você descobrir informações novas e fizer novas perguntas. O uso da ferramenta em grupos freqüentemente é mais proveitoso do que individualmente porque as pessoas terão interpretações diferentes e, assim, acrescentarão profundidade à análise.

Passo 1: Reunir exemplos de textos

Reunir exemplos típicos de textos públicos que são relevantes ao problema que está sendo analisado. Deve-se evitar a análise de textos particulares, a menos que você tenha autorização e que não haja nenhuma dúvida de que o dono do texto entende as implicações da análise. Uma maneira de obter textos particulares para análise, se isso for útil, é utilizar suas próprias redações que precedem sua aprendizagem sobre a análise de linguagem ou usar textos fictícios (Hodge e Kress, 1988:172). É provável que seus textos (por exemplo e-mails para colegas, propostas e relatórios que redigiu) sejam representativos quanto os textos de outros; sobreviver no mundo profissional implica você também aprender as estratégias de linguagem que ajudam a construir esse mundo (Bourdieu, 1998).

¹ Neste contexto define-se “discurso” livremente como “linguagem”.

Passo 2: Escolha um texto

Escolha um texto típico de sua coleção para análise. Não passe muito tempo tentando encontrar o melhor texto possível visto que todos eles possuirão pelo menos algumas características pertinentes. Seu texto inicial é apenas um ponto de partida e haverá sempre a possibilidade de aprofundar a análise mais tarde, no passo 6.

Passo 3: Descreva o texto

Utilize as características alistadas nas Tabelas a, b, c, d e e. Estas tabelas servem apenas como uma guia e baseiam-se no Capítulo 8 do trabalho de Fairclough (1992) "Discurso e Mudança Social", embora esteja em forma acessível para pessoas com pouca experiência na análise de linguagem. Alguns dos pontos nas tabelas podem não ser relevantes; basta simplesmente omiti-los. Similarmente, sinta-se à vontade de incluir características do texto que lhe parecem importantes, mas que não estão incluídas nas tabelas. Em princípio, apenas a coluna esquerda das tabelas é a 'descrição'. A coluna da direita fornece exemplos de como a característica que está sendo descrita pode ser usada para interpretar o texto e, portanto, não é uma descrição mas uma interpretação (que será abordada no passo seguinte).

É importante compreender a diferença entre descrição e interpretação. Por exemplo, se houver um caso de 'nominalização' (inventando um verbo de um substantivo), ninguém poderá questionar isso porque a evidência existe no texto e a é descrição simples. Contudo, a interpretação é uma questão mais complicada; a 'nominalização' pode ser ação para ocultar um agente estrategicamente ou simplesmente pode ser uma tática para economizar espaço. Considere, por exemplo a diferença entre as seguintes duas orações: "Empresas de papel despejaram toxinas no rio e isto causou..." comparada a. "O despejo de toxinas no rio causou..." Na segunda oração, a 'nominalização' do verbo para 'despejar' (ou seja 'o despejo') pode servir para economizar espaço ou para ocultar a responsabilidade das empresas papelarias.

Apesar das dificuldades de tentar fazer com que a descrição e a interpretação sejam distintas, é útil nesta fase pelo menos tentar fazer isso. Porém, na prática, é uma tarefa impossível e podemos fazer com que a descrição e a interpretação sejam distintas somente em nível conceitual. A descrição inevitavelmente incluirá certa interpretação; iniciamos nossa interpretação somente na nossa escolha do que ser descrito.

Usando-se esta ferramenta, procuramos especificamente evidência de manobras políticas. A fase de descrição poderá, então, ser resumida como um processo de procurar as características textuais que, *na fase de interpretação*, podem constituir evidência para:

1. encobrimento estratégico de informações
2. a reprodução de relações sociais desiguais
3. evitação de discussão, dissensão e desafios para o *status quo*
4. a ideologia do autor, possivelmente oculta ou suavizada
5. desafios relativamente ocultos ou 'clandestinos' para o *status quo*

Porém, tais características textuais não constituem, por si só, evidência de estratégia, ideologia, desigualdade ou conflito. Elas devem ser colocadas em contexto antes de serem interpretadas. Algo que complica o assunto é que elas podem servir funções inócuas e problemáticas simultaneamente. Isso faz parte da razão pela qual são difíceis de identificar. Procurar entender as funções sociais complexas dessas características textuais é o objetivo do próximo passo: interpretação.

Tabela a: *Características textuais que, na fase de interpretação, podem ser úteis como evidência de ocultação estratégica de informações*

Característica textual	Como esta característica pode ser relevante na fase de interpretação de análise
A falta de informações pertinentes	Talvez esconda uma realidade que o autor gostaria de passar por cima, por exemplo, a ausência de informações sobre a eliminação de resíduos nucleares na seção de meio ambiente de um relatório anual da empresa.
A ocultação do agente responsável (a pessoa, ou pessoas, ou até mesmo algo não-humano, responsáveis por alguma coisa)	Poderá permitir evitar a culpabilização, por exemplo 'as multinacionais podem fabricar produtos em países de custos baixos (a oração ativa indica quem está fazendo e o que faz) em comparação com 'Produtos podem ser fabricados em países de custos baixos' (a agência multinacional está oculta – uma oração passiva).
'Nominalização' – a representação de um processo como um substantivo	Isso pode ser uma estratégia para economizar espaço, mas também pode esconder convenientemente a responsabilidade. Por exemplo, a manchete de jornal: "Despejo de carga causa problemas para motoristas" (Fairclough, 1989). A frase "despejo de carga" é uma nominalização do processo pelo qual os caminhões mal-preparados despejam suas cargas ao percorrerem as estradas. Ele esconde o fato de que são as pessoas que carregam o caminhão, ou talvez sua empresa, que são responsáveis por tal despejo de carga.

Tabela b: *Características textuais que, na fase de interpretação, podem ser úteis como evidência da reprodução de relações sociais desiguais*

Característica textual	Como esta característica pode ser relevante na fase de interpretação de análise
Suposição de conhecimento mútuo	Por exemplo, o uso de linguagem profissional exclui as pessoas que não a entendem.
Aguardo de sua vez	Isso é normalmente significativo se for desigual, mas o contexto é importante para entender a importância; por exemplo, em um contexto, pode ser que às pessoas marginalizadas sejam oferecidas poucas oportunidades para se expressarem, mas, em outro contexto, um líder talvez exija que as pessoas marginalizadas comentem, especialmente em discussões participativas e, conseqüentemente, as pessoas com mais poderes talvez falem menos.
Cortesia	A informalidade pode indicar que a pessoa a quem se dirigem os comentários faz parte da 'turma que está por dentro', mas, dependendo do contexto, a informalidade pode ser uma indicação de uma grande lacuna na posição social; por exemplo, nos países coloniais, os colonizadores tendem a chamar as pessoas colonizadas por seus nomes próprios, nunca 'Sr ' ou 'Sra ' o que indicariam a condição social.
Alocação de agência	A uma pessoa dominante freqüentemente serão dados papéis ativos para desempenhar, ao passo que as pessoas excluídas freqüentemente são os 'receptores de ação'; por exemplo "os empregadores pagam mais aos trabalhadores" – os empregadores são ativos, os trabalhadores são os receptores passivos da ação.
Ambigüidade de significado referente ao uso de 'nós'	Às vezes, 'nós' quer dizer todo mundo; às vezes significa um certo grupo de pessoas e os outros aspectos do texto têm de indicar como devemos interpretar este 'nós'. Num discurso proferido por Tony Blair, 'nós' às vezes parece significar a OTAN, às vezes quer dizer a Inglaterra e outras vezes quer dizer um agrupamento não especificado de nações. Esta imprecisão serviu como vantagem para Sr Blair quando ele disse, num discurso, que 'nós' temos que invadir Cosovo. Talvez, ao dizer 'nós' ele se referia aos cidadãos responsáveis do mundo, mas talvez quisesse se referir também à OTAN. Na realidade, a OTAN já tinha tomado a decisão de invadir, mas ser evidente a respeito do monopólio do poder da OTAN teria sido uma asneira política (Fairclough, 2000:152, 152).

Tabela c: *Características textuais que, na fase de interpretação, podem ser úteis como evidência para uma tendência de se evitar discussão e dissensão e, assim, potencialmente evitar desafios ao status quo*

Característica textual	Como esta característica pode ser relevante na fase de interpretação de análise
Uso de metáforas/ linguagem que indica inevitabilidade	Isto pode refutar a discussão ou dissensão, por exemplo "...nenhum país está imune à mudança enorme que a globalização traz" (Fairclough, 2000:163).
Pressuposição de que algo tenha sido dado e realizado	Isto também pode recusar a dissensão, por exemplo, a frase 'a nova economia global' pressupõe que existe uma nova economia global – ou seja, considerado como pressuposto, como algo que todos nós sabemos (mas a maioria das análises de globalização a encara como uma tendência desigual e parcial) (Fairclough, 2000:163).
Uso de gráficos, diagramas e dados estatísticos	Estes podem indicar, talvez de modo questionável, que o conteúdo do texto está baseado em conhecimento científico irrefutável, dando força profissional ao documento.
Uso de identificadores textuais profissionais, tais como palavras profissionais altamente técnicas	Novamente, essas podem ser usadas para sugerir que um texto é oficial e/ ou objetivo e, assim, supostamente, verdadeiro.
Tabulações	Estas também tendem a recusar opiniões diferentes; são 'concisas', deixando pouco lugar para contestação.

Tabela d: *Características textuais que, na fase de interpretação, podem ser úteis como evidência da ideologia do autor*

Característica textual	Como esta característica pode ser relevante na fase de interpretação de análise
Escolha de redação descritiva	Por exemplo, a escolha da linguagem emotiva em vez do eufemismo: "Duas pessoas foram violentamente assassinadas sábado à noite", em vez de "Associam-se pistoleiros desconhecidos com as mortes de dois imigrantes no sábado".
As colocações, ou seja, a frequência com que certas palavras são associadas uma com a outra	Estas também podem indicar a ideologia do autor, por exemplo, nos documentos do New Labour (Partido Trabalhista Novo) da Inglaterra, a palavra 'negócio' tende a ser associada com palavras tais como 'parceria' e 'ajudar'. Nos documentos do Old Labour (Partido Trabalhista Antigo) a palavra 'negócio' tendia a ser associada com palavras/ frases que indicavam conflito, por exemplo 'decisões comerciais descoordenadas egoístas e voltadas ao lucro privado', ou foram usadas de modo meramente descritivo, por exemplo, 'educação empresarial [sobre negócios]' (Fairclough, 2000:31).
Linguagem de não-identificação	Isto pode distanciar o autor de uma idéia ou ideologia. Por exemplo: "As pessoas que ocupam este cargo..." em vez de "Como alguém que ocupa este cargo..."
Modalidade, o nível de compromisso do orador/ escritor para com a verdade de sua expressão	Isto pode indicar as convicções ou ideologia do escritor, por exemplo, "isso não tem futuro..." (modalidade forte) em vez de "Eu não acho que isso tenha futuro (modalidade mais fraca) ou "talvez fazer isso seja uma péssima idéia" (modalidade forte) ou "talvez não seja uma boa idéia fazer isso" (modalidade mais fraca).
A posição de um tópico numa lista	Quanto mais alta a posição de um tópico numa lista, tanto mais, possivelmente, será sua importância para o autor.
"Perguntas" que funcionam mais como declarações	Por exemplo, dependendo do contexto, a pergunta: "Não é verdade que proteger o meio ambiente reduz os lucros?" poderá parecer mais como uma declaração, indicando que o próprio escritor pensa que proteger o meio ambiente reduz os lucros.

Tabela e: **Características textuais que, na fase de interpretação, podem ser úteis como evidência de desafios relativamente ocultos para o status quo**

Característica textual	Exemplo de como esta característica pode ser relevante na fase de interpretação de análise
Verborragia/ antecipação de conflito	Por exemplo, num manual sobre governança empresarial, houve uma nota destacada sobre gêneros “O pronome masculino foi usado em todo este manual. Isto se atribui ao desejo de evitar linguagem incômoda e feia, sem intenção nenhuma de discriminação ou preconceito”. Esta declaração antecipa conflito em relação a assuntos envolvendo de gêneros. Observe a verborragia quanto às palavras ‘incômoda e feia’ (o uso de ‘incômoda’ teria sido adequado).
Leituras resistentes	Estas podem mostrar que um texto não é de bom senso ou normal embora possa ser apresentado como tal. Por exemplo, num <i>outdoor</i> de propaganda de cigarros, uma pichação apaga algumas letras-chave e partes de letras para converter a frase “New [novo], Mild [moderado] e Marlboro” para a frase “New [novo] Vile [vil] And a bore [e enfadonho]”. (Hodge e Kress, 1988:8).
Violação dos sistemas de regras sobre ‘quem’ pode dizer ‘o que’, ‘quando’ e ‘como’ (tais como os sistemas de cortesia e profissionalismo)	Tais sistemas de regras são freqüentemente os pontos de conflito quando o <i>status quo</i> está sendo desafiado (Kress e Hodge, 1988:4). Eles também podem indicar que o texto talvez contenha mais do que os autores sabem ou estão transmitindo. Por exemplo, no comentário sobre a linguagem sensível ao gênero, citado acima, a palavra ‘feia’ não é normalmente apropriada para um texto profissional. Sua surpreendente presença num documento que, de resto, é perfeitamente profissional talvez indique a presença de conflito, pelo menos para o autor, sobre questões de gênero.
Hesitação e redações revisadas (em textos escritos à mão), contradições, uso de termos que indicam incerteza (modalidade)	Por exemplo, uma autora talvez escreva: “Talvez devamos, fazer isto” em vez de, “Nós devemos fazer isso.” Ela talvez não tenha certeza das mudanças que já ocorreram no <i>status quo</i> (tais como os esforços para negociar sua função como gerente numa empresa que está na fase de transição de ‘administração de cima para baixo’ para uma administração participativa), ou talvez ela mesma esteja desafiando cautelosamente o <i>status quo</i> , provando a situação, antes de dar seu pleno compromisso lingüístico ao desafio.

Passo 4: Interpretar o texto

Efetue a interpretação (dê sentido ao texto), duas vezes. Na primeira vez, apenas descreva a impressão geral que o texto está tentando transmitir (leia *com* o texto). Na segunda vez, faça uma leitura opositiva do texto (leia *contra* o texto).

Ao lermos 'com' o texto, estamos aceitando a leitura preferida e, portanto, estamos oferecendo apoio ao *status quo* sem questionar. O motivo de lermos 'com' o texto é para sermos empáticos com o escritor a fim de habilitar-nos a entender melhor suas motivações e limitações. Isso fará com que nossa crítica sobre sua posição seja mais detalhada e, na fase de explicação, nos proporcionará uma base para explorar os fundamentos socio-históricos de sua linguagem enquanto tentamos entender por que eles escrevem desta forma.

Ao lermos 'contra' o texto, estamos usando técnicas de análise crítica de discurso para resistir deliberadamente à naturalidade aparente do texto. Tentamos oferecer uma leitura alternativa, ou seja, fazemos perguntas tais como: Como o texto está posicionado ou está se posicionando? Os interesses de quem são servidos por este posicionamento? Os interesses de quem são negados? Quais são as conseqüências deste posicionamento? Em outras palavras, estamos perguntando como o texto atua na sociedade para reproduzir/ transformar o *status quo* (Janks, 1997:329).

Passo 5: Explicar o texto

Explicar sua interpretação em relação às pré-condições sociais. Quanto a isso, perguntamos quais são as características da sociedade relevante que explicam (geram as pré-condições para) a linguagem usada no texto.

Por exemplo, a escolha de linguagem colonialista, que fala sobre 'trazer luz à África mais escura', usada por uma empresa de eletricidade da África do Sul (Price, 2002) só pode ser entendida no contexto de ser a África do Sul um país dominante na África, que está 'colonizando' rapidamente os países circunvizinhos por dominar o mercado. Uma pré-condição para que essa linguagem pareça normal é que não nos afastamos muito da idéia colonial do desenvolvimento: ainda é visto, de modo predominante, como uma 'ajuda' às pessoas e supostamente é uma progressão linear em direção à perfeição - uma mudança do 'escuro' para a 'luz'; há uma grande solução para os problemas de todo mundo. Além disso, a insistência do governo sul-africano em ação afirmativa talvez gere linguagem que pareceria grosseira e abusiva num documento de uma empresa sediada nos EUA, mas que parece nobre e natural para uma empresa sul-africana cujos trabalhadores são predominantemente negros (espera-se que os sul-africanos negros tenham condições de usar abertamente táticas anteriormente desaprovadas para grupos 'privilegiados' para permitir-lhes 'chegar ao mesmo padrão').

Pesquisas sobre a história, a socio-economia e a geografia da sociedade em questão ajudarão nesse passo.

Passo 6: Verificação e expansão dos resultados iniciais

Verificar e ampliar os resultados iniciais. Nesta fase, procure na sua coleção de textos evidência que apóia ou contradiz sua interpretação e explicação iniciais. Em CDA, a verificação é muito parecida com um jogo de palavras cruzadas no qual procuram-se as dicas coincidentes a fim de apoiar sua interpretação. Se um indício coincidente não 'se encaixar', precisará verificar os outros indícios a fim de decidir como proceder com a contradição.

Se sua análise for consistente, ela deverá explicar as características bastante pequenas dos textos na sua coleção. Por exemplo, talvez na sua análise inicial você indicou que as companhias eram incentivadas pela necessidade de *ser vistas* como praticantes do que é certo, em vez da necessidade de *realmente* fazer o que é certo. A evidência disso existia na forma de teoria/ incoerências de práticas (por exemplo, o relatório ambiental que você analisou foi impresso em papel muito lustroso. Se a empresa fosse séria quanto ao meio ambiente, ela teria reciclado papel

não-lustroso). Talvez, nesta fase de verificação, você tenha achado que o padrão de contradição de teoria/ prática continuava, mas apareceu uma evidência adicional que deu mais apoio a sua análise inicial: documentos mais recentes deram menos ênfase aos assuntos ambientais e, ao invés disso, mudaram para assuntos sociais, seguindo as tendências atuais. Isto é, conforme indicado por sua análise, as empresas mudaram seu enfoque quando outra moda apareceu.

As incoerências entre sua análise inicial e o que você descobre em sua coleção maior de textos precisam ser examinadas e ajustes devem ser feitos em sua interpretação para acomodá-las. É possível que você tenha que descartar por completo alguns aspectos de sua análise inicial ou pelo menos mudá-los significativamente. Por exemplo, talvez descubra que algumas empresas *realmente usaram* papel reciclado e, por conseguinte, você teria que incluir algumas qualificações em sua análise inicial.

Outro método de verificação é pedir a escritores e leitores a que se destinam os textos que leiam sua análise. Eles concordam com ela? Se eles discordarem, isso não significa necessariamente que sua interpretação foi errada, mas você precisará justificar a diferença de opinião. Por exemplo, sua interpretação talvez identifique desequilíbrios de gênero; talvez descubra que as mulheres com que você fala estão de acordo, mas que muitos homens discordam. Se você continuar relativamente seguro² quanto a sua análise inicial, apegue-se a ela, mas a diferença de opinião será um achado significativo que acrescenta profundidade a sua análise³.

Nesta fase, você talvez descubra, também, mudanças importantes, afetadas pela passagem do tempo, do padrão geral do uso prático de linguagem: Por exemplo, você poderá encontrar uma diferença entre os textos antes e os depois dos ataques de 11 de setembro nos EUA.

Conclusão

Uma pessoa, a quem a ferramenta foi apresentada recentemente, exclamou: “Esta ferramenta é perigosa!” Ela esclareceu que, ao passo que no passado ele tinha usado as táticas da ferramenta inconscientemente para proteger sua posição ao produzir textos, agora, ela pode passar a usá-las conscientemente. Porém, junto com esta compreensão recém-adquirida apresenta-se a decisão ética quanto a se ela deve ou não ser usada. Ele também achava que, ao passo que ele podia tentar evitar o uso de táticas escusas para produzir textos, esta ferramenta CDA, se usada por pessoas menos escrupulosas, poderia dar-lhes poder extra. Felizmente, um ponto forte desta ferramenta é que, quanto mais ela for compartilhada, mais ficamos sabendo dos efeitos da linguagem e será menos provável que sejamos enganados pelos estratagemas de linguagem.

Uma fraqueza desta ferramenta é que ela pode aumentar nosso nível de conscientização sobre linguagem, mas as ações que podemos tomar podem, na melhor das hipóteses, parecer triviais e, na pior delas, perigosas. Por exemplo, ficando, de repente, completamente honestos na nossa maneira de relatar os problemas no trabalho pode fazer com que percamos o emprego. Existe o risco de que a ferramenta pode aumentar nossa percepção somente para nos deixar querendo saber o que podemos fazer quanto àquilo. É neste aspecto que é importante nos lembrarmos do seguinte: “Podemos fazer somente o que podemos fazer com os recursos que temos” (Bhaskar, 2002). Às vezes, a mudança não pode simplesmente ser um caso de mudar a percepção; temos que trabalhar também em prol das mudanças importantes. Portanto, esta ferramenta deve ser encarada como apenas parte do processo de emancipação. Além das limitações de linguagem, talvez precisemos também considerar, por exemplo, as limitações econômicas, culturais, institucionais, legislativas e psicológicas.

² De acordo com a metodologia do realista crítico, não podemos afirmar ter certeza absoluta sobre nada.

³ Uma suposição de realismo crítico é que os atores nem sempre estão cientes da motivação inconsciente ou dos efeitos de suas práticas. É nisso que o Realismo Crítico se difere dos procedimentos da pesquisa fenomenológica, nos quais supõe-se sempre que as análises dos atores sejam corretas.

Referências

- Bhaskar, R. (2002). *From science to emancipation: alienation and the actuality of enlightenment*. Nova Delhi: SAGE publications.
- Bourdieu, P. (1998). *Practical reason: on the theory of action*. Cambridge: Polity Press.
- Fairclough, N. (1989). *Language and power*. Nova Iorque: Longman Inc.
- Fairclough, N. (1992). *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press.
- Fairclough, N. (2000). *New labour, New language?* Londres: Routledge.
- Fairclough, N. (2001). Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: Wodak, R; Meyer, M. (Eds). *Methods of Critical Discourse Analysis*. Londres: SAGE Publications.
- Janks, H. (1997). Critical discourse analysis as a research tool. *Discourse Studies in the Cultural Politics of Education*, 18(3), 329 - 342.
- Price, L. (2002). Industry and sustainability: a re-view through discourse analysis. In: Janse van Rensburg, E. (Ed). *Environmental education, ethics and action in Southern Africa*. South Africa: Human Sciences Research Council and Environmental Education Association da África do Sul.

Exemplo do uso de “Estilo de Redação: implicações políticas” com gerentes ambientais em Zimbábue

Este estudo de caso é baseado em um seminário, realizado em Zimbábue, no qual testamos a ferramenta com um grupo de gerentes ambientais de várias indústrias. As pessoas que trabalham como gerentes de indústrias nos países em desenvolvimento sentem-se freqüentemente cientes da contradição de que suas empresas usam a retórica de globalização, mas, ao mesmo tempo, os trabalhadores e o meio ambiente sofrem as conseqüências do capitalismo internacional. O motivo do uso da ferramenta foi para entender melhor como a linguagem comercial e da globalização talvez estivesse envolvida na gestão ambiental inadequada e nas desigualdades.

Isto não é uma análise perita. Terminamos a análise quando acabou o tempo e não porque achamos que a tínhamos completado. Então, os resultados, embora interessantes, não são exaustivos. O processo de efetuar a análise com textos relevantes ao nosso trabalho foi tão importante quanto o resultado final.

Passo 1: Reunião de exemplos de textos

Reunimos relatórios anuais gerais de empresas zimbabuenses, revistas de administração, revistas ambientais para negócios, discursos, atas de reuniões relevantes (obtivemos permissão e as atas foram de uma empresa representada em nosso grupo), artigos de jornal etc.

Passo 2: Escolha de texto

Decidimos analisar uma série de atas de reunião de um comitê de segurança, saúde e meio ambiente. A empresa a que pertencem as atas tinha dado sua autorização e o gerente ambiental estava presente no seminário. Esta empresa estava envolvida na produção agrícola em grande escala de uma matéria-prima que era posteriormente processada no local. Ela também empacotava seus produtos finais (havia mais de um) e os vendia no mercado local, regional e internacional.

Passo 3: Descrição do texto

Veja o apêndice deste documento para consultar as atas analisadas (os nomes e as características distintivas foram tirados).

O texto foi caracterizado por linguagem passiva, nominalizações e abreviações. Alguns exemplos são:

“Jacinto de água... borrifo sendo feito” (nominalização do verbo ‘borrifar’) “Perfurações de amostras... Próxima amostragem programada para agosto” (nominalização do verbo ‘amostrar’) “Devido a limitações financeiras, os trabalhos serão adiados até 2005” (oração passiva) “Dano à propriedade...Foram realizadas várias reuniões. Em andamento. A ser finalizado.” (oração passiva e orações abreviadas)

Usou-se a estrutura oficial clássica para atas de reunião. As informações foram resumidas. O gerente ambiental presente na reunião da qual as atas foram tiradas comentou que foram registrados nelas muita dissensão e comentários. A emoção também foi removida das atas (um dos gerentes estava zangado sobre um incidente de poluição mas isto foi, pela maior parte, ausente das atas). Havia muito uso de abreviações sem as respectivas explicações, o que pressupõe que o leitor estivesse familiarizado com as abreviações. Por exemplo, nas estatísticas de segurança (Tempo Perdido...) são relatadas como uma cifra de tempo perdido, sem detalhes do que aconteceu: “LTIFR para a diretoria foi 0,38”. Os pontos foram numerados.

Com base na discussão sobre segurança, parecia que um trabalhador havia morrido e isso recebeu ligeira menção: “BJB dará seguimento a DW referente a terceirização devido à fatalidade de HVE”. Nas atas, várias atividades relacionadas ao meio ambiente foram anotadas sem

comentário. Por exemplo, borrifo de jacinto de água, borrifo de *Lantana camara* com Roundup, corte de lenha.

Uma declaração não era típica de linguagem profissional, a saber, “Dois incidentes de poluição aconteceram esta semana!!” Pontos de exclamação, e, especialmente dois pontos de exclamação, são normalmente associados com redação informal.

Passo 4: Interpretação

Lendo com o texto

Estas atas foram eficientes. Elas não refletiam tudo que foi dito, mas refletiam o que era importante e garantiram que as tarefas alocadas fossem registradas adequadamente a fim de assegurar responsabilidade pela efetuação completa dessas tarefas.

Lendo contra o texto

Possível encobrimento estratégico de informações

O uso de orações passivas, nominalizações e abreviações ocultava a responsabilidade, por exemplo, “Dois incidentes de poluição aconteceram esta semana!!” permitia que as pessoas responsáveis fossem protegidas. Visto que a maior parte do uso passivo de linguagem, nominalizações e abreviações foi inócua e visavam simplesmente à eficiência, conformando-se à prática gramatical padrão, foi ainda mais difícil notar o uso estratégico destas características gramaticais. Isso, em si mesmo, talvez fosse estratégico. Se a evitação de responsabilidade for trazida à atenção da escritora, ela poderá afirmar que isso não foi proposital e que simplesmente estava seguindo as normas gramaticais.

A eficiência das atas permitiu ocultar coisas que poderiam ser controversas ou de confrontação. Por exemplo, os dois pontos de exclamação eram eficientes mas eles também eram tudo que restou do fato de o gerente ambiental estar muito zangado por causa dos incidentes de poluição. Como uma acusação de que não havia cuidado e diligência suficiente nos assuntos ambientais, esta raiva talvez representasse uma ameaça ou um desafio para o *status quo*.

Porém, o encobrimento de informações talvez não tenha beneficiado somente o *status quo*; também pode ter beneficiado os que desafiavam o *status quo*. Por exemplo, se o gerente ambiental achasse que o acesso de raiva teria sido documentado completamente nas atas, ele talvez não teria expressado suas emoções. Assim, a maneira pela qual as atas ocultam as coisas pode ser vista tanto como uma maneira de preservar o *status quo* quanto uma possibilidade estratégica para introduzir idéias alternativas e permitir mais liberdade de expressão.

Possível evitação de discussão/ dissensão e desafios para o status quo

O fato de o nome do secretário não aparecer nas atas pode ser uma maneira de fazer com que sua parte no registro das atas pareça invisível e então objetivo, evitando assim discussões. O profissionalismo das atas também implicava objetividade e, portanto, rejeitava debates ou dissensões. Com a ajuda de alguém que estava presente à reunião, compreendemos que uma grande quantidade de discussão e dissensão foi ocultada; assim, as atas apresentavam uma visão unificada dos procedimentos que ocultaram opiniões diferentes.

A falta profissional de emoções nas atas refutou comentários sobre o uso de substâncias nocivas para o meio ambiente para controlar a vegetação e o corte de lenha. A redução dos acidentes a apenas um número também evitou muita discussão sobre os acidentes ocorridos. Um acidente pode ser registrado como tendo causado à empresa a perda de 10 dias de trabalho, mas o fato de em um trabalhador perder um dedo, bem como o custo do acidente para aquele trabalhador foram completamente ocultados por aquela cifra. A emoção é potencialmente um estímulo para mudança; parece provável que evitar a emoção seja uma maneira de proteger o *status quo*. O

formato rígido das atas, indicando um formato rígido da própria reunião que elas documentaram, talvez tenha limitado as soluções alternativas possíveis para os problemas. Tais soluções talvez também possam desafiar o *status quo*.

O uso da palavra 'fatalidade' em vez de 'morte' parecia reduzir a perda de vida a um evento técnico e, assim, talvez diminuído em certa medida o impacto daquele evento que podia constituir um desafio para o *status quo*.

Possível reprodução de relações sociais desiguais

O uso de linguagem passiva, de nominalizações e de abreviações perdoava as contravenções e pequenos problemas. Por exemplo, a empresa de algum modo absorveu a culpa pelos dois incidentes de poluição que aconteceram. Se a culpa fosse atribuída a indivíduos, eles teriam que ser repreendidos e talvez perdessem seu emprego. Porém, se a administração já não gostava dos perpetradores do incidente, a citação de seus nomes pessoais nas atas seria uma boa maneira de criar dificuldades para eles.

Essa ambigüidade em atas e reuniões deixa lugar para abusos, visto que parece possível para as atas serem perdoarem mais as pessoas que fazem parte da administração do que os empregados marginalizados. Isso seria difícil de identificar já que as atas dão a impressão de objetividade imparcial. Contudo, essa alocação diferencial de responsabilidade foi apenas concebida na imaginação e não foi encontrada nenhuma prova direta disso (voltamos ao texto, procurando descrição adicional a fim de explorar esta pergunta). Foi difícil encontrar evidência porque não tínhamos conhecimentos suficientes sobre as pessoas na reunião. Além disso, a empresa parecia já ter feito um bom trabalho de excluir grupos sociais específicos; assim talvez houvesse pouca necessidade de tais táticas. Por exemplo, não havia nenhuma mulher presente à reunião.

Alguma prova indireta para a atribuição diferencial de responsabilidade pode ser que, na única ocasião quando se exigia elogios, a responsabilidade ficou clara: "Agric a ser elogiado pelos procedimentos de retenção." Em nenhuma parte constava um exemplo de indicação de responsabilidade, se isso pudesse causar a atribuição de culpa.

Embora houvesse muita linguagem técnica e muitas abreviações indefinidas, parecia improvável que isso fosse deliberadamente excludente dos trabalhadores, porque, conforme o trabalhador que participou da análise, as pessoas que lêem as atas estariam familiarizadas com os termos e os entenderiam. Porém, a linguagem técnica e as abreviações, além de suas funções de eficiência, talvez também cumprissem uma função de linguagem-código arcana de turma. Isso talvez incentivasse a camaradagem entre os funcionários.

Possível indicação de ideologia

A colocação de assuntos ambientais como o último item na ordem do dia pode indicar que os assuntos ambientais tendem a ser considerados como de menor importância em relação a outros assuntos.

Desafio possivelmente 'clandestino' ao status quo

O uso incomum de dois pontos de exclamação na oração que descreve os dois incidentes de poluição, que foi tudo o que sobrou da raiva do gerente neste respeito, pode ser evidência de um desafio ao *status quo* relativamente oculto. O acesso de raiva do gerente indicou que não se dava importância suficiente aos assuntos ambientais. Esses dois pontos de exclamação talvez estivessem dizendo, de modo sutil: "Isto não é adequado!".

Passo 5: Explicação dos resultados da sua interpretação nos termos das pré-condições sociais dos mesmos

Uma pré-condição para dirigir reuniões desta maneira é que é quase impossível imaginar que elas sejam dirigidas de qualquer outra forma. Tem sido sempre feito assim e parece que não pode haver nenhuma alternativa. No mundo todo, as reuniões são dirigidas desta maneira. Ao lermos com o texto, escrevemos muito pouco. Talvez isso seja porque a estrutura e a função das atas de reunião pareciam tão óbvias e naturais que era difícil pensar em qualquer comentário para fazer sobre elas.

Outra pré-condição dessas atas é que todos envolvidos têm que entender as regras sutis de 'quem' pode falar e 'o que', 'quando', 'onde' e 'como' fala. Por exemplo, o secretário precisa ser capaz de distinguir entre o que é incluído e o que não será e o que não será incluído. Para fazer maior uso das atas, os gerentes precisam se estar convencidos de que podem se expressar de modo confidencial, ou seja, 'não registrado'.

É possível que uma pré-condição do menosprezo das questões ambientais, comparadas às de segurança e saúde, é que existem mais regulamentos sobre segurança e saúde. Também há mais cobrança de responsabilidade quanto à saúde e segurança, com fiscalização regular feita por organizações de segurança e saúde. Além disso, os assuntos de saúde e segurança' já vêm fazendo parte da cultura da empresa há mais tempo do que o meio ambiente; as pessoas já se adaptaram a eles. Talvez outra pré-condição do menosprezo do meio ambiente seja a suposição de que temos que colocar as pessoas em oposição ao meio ambiente. A segurança, a saúde e o lucro no curto prazo são encarados como tendo primazia acima das preocupações ambientais. A dependência, no longo prazo, da segurança, da saúde e do lucro proveniente de um meio ambiente saudável parece ser negligenciado.

Uma pré-condição pela recusa 'polida' de alocar responsabilidade pelos problemas pode ser que, culturalmente, achamos muito difícil aceitar críticas. Temos a tendência de esperar a imposição de penalidades severas pela autoridade competente para contravenções cometidas. Seria mais fácil ser honesto se a autoridade não fosse estruturada de modo tão hierárquico. Parece que existe uma regra tácita de aplicação obrigatória de castigo se uma contravenção vier à atenção das autoridades a fim de que estas possam manter a autoridade; elas não devem ser vistas como fracas. Porém, se a autoridade fosse menos hierárquica e se baseasse menos no medo, os líderes não teriam de aproveitar as contravenções para demonstrar seus poderes, mas, ao contrário, os empregados poderiam fazer parte do processo de debate a fim de determinar a melhor maneira de corrigirem os erros. Ou seja, se a 'administração' fosse mais 'co-administração', poderia ser mais fácil ser mais honesto, podendo esse medo da autoridade ser uma pré-condição de certa parte da recusa de aceitar responsabilidade.

Passo 6: Verificação e ampliação dos resultados iniciais

As outras atas que examinamos apresentaram as mesmas características de eficiência, falta de emoção e linguagem sem agente. A discussão e a dissensão foram, até certo ponto, minimizadas em todas as atas. Notamos, porém, que nossas atas iniciais eram excepcionais porque as outras deram o nome da secretária que as escreveu (isto deve ter sido uma omissão no nosso exemplo inicial). Além disso, as atas podem variar muito de acordo com o escritor, incluindo detalhes de graus diferentes. Nas outras minutas que examinamos, os assuntos do meio ambiente não apenas ocuparam a última posição na ordem do dia, mas também foi alocado tempo significativamente menos para eles, fato que reforça a alegação de que os assuntos do meio ambiente foram considerados de menor importância. Outra vez, não encontramos muita prova de alocação diferencial de responsabilidade de acordo com o estado, mas talvez seja necessário haver uma maior seleção de textos e maiores pesquisas que incluam meios de distinguir os indivíduos a fim de confirmar esta idéia intuitiva de modo mais completo.

Conclusão do estudo de caso

O profissionalismo da linguagem das atas de reuniões pode ser utilizado para evitar estrategicamente desafios ao *status quo*. Por exemplo, o uso de linguagem passiva pode ocultar a responsabilidade e evitar culpa, evitando, assim, a necessidade de mudança por parte da organização. Contudo, existe também o potencial para o profissionalismo de atas permitir desafios relativamente seguros ao *status quo*. Neste caso, um gerente ficou indignado sobre a falta da devida atenção aos assuntos do meio ambiente mas sua expressão de raiva foi permitida possivelmente porque tal expressão talvez não viesse a ser incluída completamente nas atas.

As atas também podem ter o potencial para permitir uma relativa ocultação do tratamento desigual das pessoas. Por exemplo, a alternância estratégica entre linguagem ativa e passiva. Hipoteticamente, as pessoas de dentro podem ser protegidas por linguagem passiva que as livra de responsabilidade pelas contravenções ao passo que as pessoas de fora podem ser culpadas claramente por suas ações usando-se a voz ativa.

A estrutura clássica de atas parece tão natural e inquestionável que é difícil desafiá-la. Também é difícil desafiá-la por causa das penalidades que poderiam decorrer se alguém resistisse ao seu formato, tais como acusações de falta de profissionalidade.

Apêndice: Atas de reunião analisadas no estudo de caso

Atas da reunião de comitê, realizada na quinta-feira, 29 de julho de 2004, às 10:00h na sala do comitê

Pessoas presentes

BJB⁴ Diretor de Agricultura (Presidente)
GC Gerente de Campos Agrícolas
MM Gerente de Propriedades
LG Funcionários de Pessoal, Propriedade
TG Supervisor de área, Propriedade
MN Gerente Regional
HT Gerente das Seções 2, 5, e 7
TM Gerente das Seções 9 e 14
LM Gerente de Sistemas de Irrigação
CM Gerente de Treinamento Agrícola
UM Auxiliar de Estatísticas Agrícola
MR Inspetor da Seção 22

Desculpas (Ausentes)

FE Gerente Técnico Agrícola
TN Gerente Regional de Propriedades
BM Gerente de Sustentabilidade
PM Gerente Regional Superior 2
WG Gerente Regional Superior 1
GK Gerente de Controle de Perdas
DN Gerente de Extensão Agrícola

1. DESCULPAS POR AUSÊNCIA

2. APROVAÇÃO DAS ATAS ANTERIORES

- As atas da reunião do Comitê Agrícola realizada na quinta-feira 24 de junho de 2004 foram aceitas conforme lidas.

3. SEGURANÇA E SAÚDE

3.1 ASSUNTOS LEVANTADOS

3.1.1 *Seleção de motoristas e testes (Ata 3.1.1)*

Reunião será marcada com representantes da Administração relevante para a adoção de política. A ser acompanhado. **BJB**

3.1.2 *Divisão de Agrí – Plano de Ação SHE (Ata 3.1.2)*

- Gestão Sustentável para o Meio Ambiente**

Pacote total - GC passará cópias para os Gerentes Regionais e BJB dará cópia a MM.
Resposta ser dada a EE 15.08.2004.

BJB/GC/MM/A/Grnts

- Dano à propriedade**

Foram realizadas várias reuniões. Em andamento. A ser finalizado. **FE**

3.1.3 *Suspensão do Assento do Trator (Ata 3.1.3)*

Números completados seguem abaixo

Departamento Técnico Agrícola	5/9	
Departamento de Campos Agrícolas		68/111
Propriedade		9/19

⁴ Nas seções de “Pessoas Presentes” e “Desculpas (Ausentes)” das atas, os nomes foram citados por completo. Aqui, fazemos abreviações deles que não refletem as rubricas dos nomes verdadeiros. Isso visa a proteger a identidade individual.

3.1.4 Assentos do Carregador Perry e Chaveirões (Ata 3.1.4 e 3.1.6)
Prova feita, continuando **GC**

3.1.5 Caminhões basculantes (Ata 3.1.5)

Caminhões basculantes com barreiras traseiras, equipados da seguinte maneira:

Área 1 5/12

Área 2 7/11

Área 3 4/6

Tec Agri 9/13

Propriedade Que usam correntes (tampas traseiras serão instaladas)

BJB dará seguimento junto com DW a respeito de terceirização devido a fatalidade de HVE. A ser

completado até 31.08.04. **GC**

A propriedade quer voltar a usar tampas traseiras. Deseja ter 4 nas tampas traseiras e 2 em correntes até 31.08.04; atualmente 5 estão em corrente e 1 em tampa traseira.

3.1.6 Reboques para trabalhadores (Ata 3.1.8)

Um reboque está em experiência na Área 3. Relatório sendo compilado por MM. **MM**

3.1.7 Plano de Ação de Prevenção se Afogamento (Ata 3.1.9)

a. Passeios

Racionalizou quais as seções e forneceu um orçamento F2 para elas. **GC**

b. Canais

A ser completado até 31.08.04

- Auditoria do Plano de Ação contra Afogamento até 31.08.04. Relatório a BJB até 31.08.04.

GC

3.1.10 Avisos de segurança sobre poças de água (Ata 3.3.2)

LG contatará um pintor de avisos para obter estêncil pictórico que caiba nas tarjas atuais. **LG**

3.1.11 Pernas do carregador (Ata 3.3.4)

Uma completa e parece satisfatória. A ser adotadas por todos. **GC/MM**

3.1.12 Sacolas para foices (Ata 3.3.5)

Amostra exibida – implementá-la. **Grnts/A**

3.1.13 Malária (Ata 3.3.9)

Será usada parafina/ óleo em caixas de canal onde a água ficará estagnada por mais de 1 semana para evitar a procriação de mosquitos. **Grnts/A**

3.1.16 Cortadeira automatizada (Ata 3.3.2)

Máquina já voltou ao uso. JSA será revisada. GC finalizará. **GC**

3.2 Estatísticas de segurança (maio de 2004)

LTIFR para a Diretoria foi 0,38. **GC**

3.3 Novos assuntos

3.3.1 Incentivo do programa – nova política

Política ainda não lançada. Será comunicada quando pronta. **BJB**

4.0 MEIO AMBIENTE

4.1 ASSUNTOS DECORRENTES DE ATAS ANTERIORES

4.1.1 Área de selva (Ata 4.1.1)

Área 1 – Continua. Casa de veraneio consertada.

Área 2 – Cabana colmada. Bancos sendo completados e banheiro em construção.

Área 3 – Caminhos feitos, nomeação de árvores sendo feita. Ligação ao abastecimento de água sendo feita.

M/ Propriedade sendo cercada. Revisão básica ainda não feita. A ser examinada. **BM**

- 4.1.2 Banheiros (Ata 4.1.2)**
A serem adiantados. FE
- 4.1.3 Perfurações de amostra (Ata 4.1.3)**
Próxima amostragem marcada para agosto. DN
- 4.1.4 Represa Kamba (Ata 4.1.4)**
Devido a limitações financeiras, as obras serão adiadas até 2005. FE
- 4.1.5 Propriedade – Seção 1 Fossas do sistema de esgotos (Ata 4.1.6)**
Acionar MM
- 4.1.6 Lenha (Ata 4.1.7)**
Corte na Área 3 de Masangula. Aguardo do contratado para transportar. MM
- 4.1.7 Jacinto de Água (Ata 4.1.8)**
Pulverização em andamento. (ENCERRADO)
- 4.1.8 Lantana Camara (Ata 4.1.9)**
CN pediu para visitar locais onde houve pulverização da Lantana Camara com Roundup, para verificar se houve novo crescimento antes das Seções encomendarem a substância química em grandes quantidades. DN
- 4.1.9 Fossas de esgoto (Ata 4.1.10)**
Gerentes informarão a FE da prioridade referente à renovação. Grnts/A
- 4.1.14 Resíduos líquidos (Ata 4.2.4)**
Ocorreram dois incidentes de poluição esta semana!! Ambos devido à negligência e ambos eram evitáveis, porém, Agri deve ser elogiado pelos procedimentos de retenção. MM

5.0 DATA DA PRÓXIMA REUNIÃO

A próxima reunião do Comitê do Programa da Diretoria Agrícola está marcada para quinta-feira 26 de julho de 2004, às 10:00h na Sala do Comitê.